

9:00 CHIARA NA UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO DE PIACENZA E VERA

ARAUJO – QUE TIPO DE ANTROPOLOGIA SERVE PARA UMA ECONOMIA DE

COMUNHÃO

Piacenza, 29 gennaio 1999

Conferimento a Chiara della laurea *honoris causa* in "Economia e Commercio" all'Università Cattolica del Sacro Cuore (58')

Passemos agora ao aspecto social do Movimento.

A respeito da comunhão de bens no Movimento alguns membros a fazem de modo total (e são milhares), pois dedicaram-se completamente às suas finalidades, que dão todos os meses o salário [ordenado] inteiro e entregam todos os seus eventuais bens através de um testamento em favor dos pobres, que serão beneficiados sobretudo através de atividades formativas, apostólicas, caritativas e sociais da Obra, que por sua vez pensa em sustentá-los.

Os outros membros dão o que têm a mais.

A atividade social do Movimento exprime-se também em obras concretas. Elas não são programadas previamente, mas nascem espontaneamente do coração dos seus membros educados ao amor. Não são um fim em si mesmas, mas querem ser testemunho do amor para que se realize entre muitos o testamento de Jesus.

.....

No mundo são cerca de mil as obras sociais de vários portes.

Porém, é típica do nosso Movimento a "Economia de comunhão" na liberdade, uma experiência particular de Economia solidária. Ela é uma autêntica expressão da espiritualidade da unidade na vida econômica e pode ser compreendida completamente e na sua complexidade só se estiver inserida no contexto da visão que a nossa espiritualidade tem do homem e dos relacionamentos sociais.

Nasceu – como foi dito – no Brasil, em 1991.

O Movimento, presente nesse país desde 1958, difundiu-se em todos os seus Estados, atraindo pessoas de todas as categorias sociais.

Porém, fazia alguns anos que, apesar da comunhão de bens, eu estava percebendo que, devido ao crescimento do Movimento (no Brasil somos cerca de 250 mil pessoas), já não conseguíamos cobrir as necessidades mais urgentes de certos membros.

Pareceu-me, então, que Deus convidasse o nosso Movimento a tomar providências.

Embora eu não seja competente em problemas econômicos, pensei que era preciso criar empresas, a fim de que a capacitação e os recursos de todos confluam para a produção de riquezas em favor de quem se encontra em dificuldades. Elas seriam dirigidas por pessoas competentes, capazes de fazê-las funcionar com eficiência e obter lucros, que livremente deveriam ser colocados em comum.

Em parte os lucros seriam destinados aos mesmos objetivos da primeira comunidade cristã: ajudar os pobres e dar-lhes um meio de subsistência enquanto não conseguem um trabalho. Outra parte seria para construir estruturas de formação de "homens novos" (como os define São Paulo), formados e animados pelo amor, idôneas em viver a "cultura da

partilha". E uma terceira parte, é lógico, é novamente investida na empresa.

Desse modo, nas nossas cidadezinhas-testemunho (que são cerca de 20 no mundo) – que são modernas convivências com todas as expressões da vida moderna e por isso exigem também a presença de empresas junto das escolas de formação, das casas para as famílias, da igreja, do artesanato e das outras obras que nasceram para manter os seus habitantes –, nasceria também um verdadeiro pólo produtivo.

Essa idéia foi acolhida com entusiasmo não só no Brasil e na América Latina, mas também na Europa e em várias partes do mundo.

Muitas empresas nasceram e muitas já existentes aderiram ao projeto modificando o próprio estilo de gestão empresarial.

A este projeto já aderiram 654 empresas e 91 atividades produtivas menores. São empresas que atuam nos diversos setores econômicos, em mais de 30 países: 164 no comércio, 189 são indústrias e 301 prestam outros serviços.

A experiência da "Economia de comunhão", com as suas particularidades que derivam da espiritualidade da qual nasce, coloca-se ao lado de numerosas iniciativas individuais e coletivas que procuraram e procuram "humanizar a economia": iniciativas de muitos empresários e trabalhadores – em geral pouco conhecidos –, que concebem e vivem a própria atividade econômica como algo mais amplo e diferente da simples busca de uma vantagem material.

De fato, como em muitas outras realidades econômicas permeadas por motivações ideais, os que aderem ao projeto – empresários, dirigentes, trabalhadores ou outras figuras da empresa – empenham-se antes de

mais nada colocar no centro da própria atenção, em todos os aspectos de suas atividades, as exigências e as aspirações da pessoa e as instâncias do bem comum. Em particular eles procuram:

- instaurar relacionamentos de lealdade e de respeito, animados por um sincero espírito de serviço e de colaboração em relação aos clientes, aos fornecedores, à administração pública e até aos concorrentes;
- valorizar os seus funcionários, informando-os e envolvendo-os de vários modos na gestão da empresa;
- manter uma linha administrativa empresarial inspirada na cultura da legalidade;
- reservar grande atenção ao ambiente de trabalho e ao respeito pela natureza, mesmo suportando investimentos de alto custo;
- cooperar com outras realidades empresariais e sociais presentes no território, abertos também à comunidade internacional, com a qual se sentem solidários.

O projeto "Economia de comunhão" apresenta ainda outras características muito significativas para nós, porque mais diretamente ligadas à visão do mundo que nasce da nossa espiritualidade. Refiro algumas:

1. Os protagonistas das empresas da "Economia de comunhão" procuram seguir, embora nos moldes exigidos pelo contexto de uma empresa produtora, o mesmo estilo de comportamento que eles vivem em todos os âmbitos da vida. De fato, estamos

convencidos de que é preciso imbuir dos valores nos quais se crê cada momento da vida social e, portanto, econômica, que assim se torna mais um espaço de crescimento humano e espiritual.

2. A "Economia de comunhão" propõe comportamentos inspirados na gratuidade, na solidariedade e na atenção para com os mais necessitados (comportamentos que normalmente são considerados típicos das organizações sem fins lucrativos) também a empresas às quais é conatural a busca do lucro. Portanto a "Economia de comunhão" não se apresenta como uma nova forma de empresa, alternativa às que já existem. Ela pretende sobretudo transformar a partir de dentro as estruturas empresariais tradicionais (podem ser sociedades anônimas, cooperativas, ou outras), direcionando todos os seus relacionamentos intra e extra-empresariais segundo um estilo de vida de comunhão. Tudo isso respeitando plenamente os valores autênticos da empresa e do mercado (evidenciados pela Doutrina Social da Igreja e, de modo especial, por João Paulo II na *Centesimus Annus*).
3. As pessoas que se encontram em dificuldades econômicas e que são os destinatários de uma parte dos lucros, não são considerados simples "assistidos" ou "beneficiários" da empresa. Ao contrário, eles são membros essenciais do projeto, no âmbito do qual oferecem aos outros as próprias necessidades. Também eles vivem a "cultura da partilha". De fato, muitos renunciam à ajuda que recebem, tão logo recuperam um mínimo de independência econômica; e muitas vezes partilham com outros o pouco que possuem. Tudo isso porque na "Economia de comunhão", que

também ressalta a "cultura da partilha", não se dá muita ênfase à filantropia de alguns, mas à partilha, onde cada um dá e recebe, com a mesma dignidade, no âmbito de um relacionamento de substancial reciprocidade.

4. As empresas de "Economia de comunhão", além de se firmarem em um profundo entrosamento entre os dirigentes de cada uma delas, sentem-se parte integrante de uma realidade mais ampla. Os lucros são colocados em comum, porque já se vive uma experiência de comunhão. Por este motivo as empresas – como já mencionei – desenvolvem-se no interior de pequenos (pelo menos por enquanto) "pólos industriais", situados perto das Mariápolis permanentes do Movimento ou, se geograficamente distantes, "coligam-se" idealmente a elas.

Muitos se perguntam como podem sobreviver no mercado empresas tão atentas às exigências de todos os interlocutores com os quais tratam e ao bem de toda a sociedade.

É claro que o espírito, que as anima, ajuda a superar muitos daqueles contrastes internos que obstaculizam e, em certos casos, paralisam todas as organizações humanas. Além disso, o seu modo de operar atrai a confiança e a benevolência de clientes, fornecedores ou financiadores. Todavia, não podemos esquecer um outro elemento essencial: a Providência divina, que acompanhou passo a passo o desenvolvimento da "Economia de comunhão" durante estes anos. Nas empresas em que se aplica a "Economia de comunhão" se deixa espaço para a intervenção de Deus inclusive nas ações econômicas concretas. E se constata que, após cada decisão "contracorrente", que a usual praxe comercial

desaconselharia, Deus nunca faz faltar o "cêntuplo" prometido por Jesus: uma faturamento imprevisto, uma oportunidade inesperada, a oferta de uma nova colaboração, a idéia de um novo produto que faz sucesso no mercado...

Esta é, em linhas gerais, a "Economia de comunhão".

Quando a propus, eu decerto não pensava numa teoria. Todavia vejo que atraiu a atenção de economistas, sociólogos, filósofos e estudiosos de outras disciplinas, que encontram nesta nova experiência e nas idéias e categorias, nela subjacentes, motivos de interesse que ultrapassam o próprio do Movimento no qual se desenvolveu historicamente.

Em particular, na visão "trinitária" dos relacionamentos interpessoais e sociais, fundamento da "Economia de comunhão", há quem vislumbre uma nova chave de leitura que poderia enriquecer também a compreensão das interações econômicas e contribuir, portanto, para superar a visão individualista que prevalece hoje na ciência econômica.

Que tipo de antropologia serve para uma Economia de comunhão?

Assembleia EdC, maio de 2011

Mariápolis Ginetta

de Vera Araújo

Toda celebração deve indicar as motivações mais profundas para a sua “memória”.

Celebrar para nós, hoje, não significa festejar com solenidade ou exaltar com um rito um evento que se verificou há vinte anos. Ao invés, significa rememorar, no sentido de rerepresentar as razões íntimas que deram vida a tal evento. Significa sobretudo refletir sobre o nosso empenho e envolvimento em relação a esse evento, com o olhar no hoje e também no futuro.

Todos nós, aqui presentes, sabemos o que é a Economia de Comunhão nos seus traços característicos, nos seus objetivos específicos, na metodologia própria. Conhecemos também o seu desenvolvimento no tempo e a sua expansão no mundo. Participamos dos seus momentos de alegria e das passagens difíceis. Tudo já se tornou um patrimônio a ser preservado, de onde extrair as indicações e sugestões para ir em frente.

É cada vez mais evidente que a nossa função não é nada simples nem fácil, ainda que cresça o seu fascínio. Não é mesmo tarefa para amadores, mas, pois (como Chiara disse, lançando este projeto), demanda pessoas preparadas e convictas.

A tarefa da EdC é aprofundar continuamente os vários elementos do projeto e elaborá-los cientificamente, com o objetivo de oferecer a todos os envolvidos um suporte e uma ajuda válida e eficaz.

Eu sempre pensei que a Economia de Comunhão exige uma visão antropológica nova, com suas consequências práticas, ou melhor, podemos nos perguntar: “Que tipo de antropologia serve para uma

economia de comunhão”? Ou: “que tipo de homem é capaz de conjugar economia e comunhão”?

Cada ser humano é chamado a viver a comunhão em cada aspecto da própria existência. Damo-nos conta de que isso pode parecer uma utopia numa sociedade como a atual, marcada pela crise dos relacionamentos pessoais, com assustadores efeitos no âmbito social, econômico, institucional e também internacional.

Todavia, para abordar a economia num sentido pleno, é preciso, primeiro, recuperar o papel e a centralidade da *pessoa*, que sumiu da cultura moderna nas engrenagens dos vários sistemas ou pela afirmação absoluta da própria individualidade e identidade.

Voltar a propor a centralidade da pessoa é purificá-la e libertá-la de velhos e superados esquemas ideológicos e inseri-la como base das ciências histórico-sociais, visando aprofundar o seu verdadeiro significado hoje, numa modernidade fragmentária e liquefeita.

Dizer pessoa, significa falar de relacionamentos, de comunhão, porque a pessoa é a fonte da comunhão. Pessoa significa ao mesmo tempo identidade e socialidade. Identidade, que define a pessoa como ser único, irrepitível, insubstituível e insuprimível. A socialidade está presente no seu DNA, como constitutiva do seu ser, já presente inteiramente em cada pessoa e que desabrocha plenamente no encontro com o outro, como momento essencial.

Daí resulta que, viver em comunhão, não é optativo, mas é uma exigência profunda de cada ser, sem ela estaríamos sempre insatisfeitos, em busca, incompletos.

O verdadeiro problema, portanto, é compreender como viver a comunhão numa sociedade que parece ser feita sob medida para viver a individualidade.

Esse problema é superado com a criatividade típica do ser humano, que é capaz de transformar com a sua vontade e com a sua inteligência o negativo em positivo ou vice-versa. Assim o *pluralismo étnico* ao invés de ser uma barreira, torna-se uma chance de enriquecimento (o estrangeiro, o diferente que encontro pela rua, no trabalho é uma pessoa com quem posso e devo construir relacionamentos de comunhão); o *pluralismo religioso* pode passar do sectarismo ao diálogo aberto, ocasião única para respeitar as ideias mas também para buscar juntos a verdade; o *pluralismo político* da discussão sobre cada ação ou decisão política pode vir a ser um momento privilegiado para descobrir juntos o bem, não de alguns, mas de todos (da cidade, da nação, do mundo); as *desigualdades econômicas*, a *pobreza material*, mas também *moral* podem suscitar um momento de resgate, de partilha.

Os relacionamentos, que se criam entre todos, podem ser imbuídos de uma verdadeira comunhão, que impele a uma união profunda, a uma viva unidade, que tende a se realizar na fusão das almas, na convergência dos objetivos, no cumprimento e no aperfeiçoamento de uma processo de unificação.

A comunhão pode ter intensidades diferentes, mas deve ser sempre autêntica e não formal. A comunhão com os familiares ou com os amigos não é a mesma que construo com os vizinhos de casa ou com

a caixeira do supermercado, mas ambos devem ser com pessoas e não com funções ou, pior, com objetos.

Tendo dito essas simples palavras, é claro que a comunhão surge lá onde as pessoas estabelecem relacionamentos verdadeiros, plenos de sentido, significativos, plasmados de verdadeiro amor, fruto do empenho constante de doação ao outro, quem quer que seja, no esforço de superar o próprio individualismo egocêntrico e fechado, para chegar à alteridade aberta e recíproca.

Para os cristãos a nascente dessa comunhão entre pessoas é a própria Trindade, modelo de unidade, reflexo da vida íntima de Deus, Uno em Três Pessoas.

É este o ensinamento da Igreja como podemos ler na encíclica de João Paulo II *Sollicitudo rei socialis*: «E então, a consciência da paternidade comum de Deus, da fraternidade de todos os homens em Cristo, «filhos no Filho», e da presença e da ação vivificante do Espírito Santo conferirá ao nosso olhar para o mundo como que um *novo critério* para o interpretar. Por cima dos vínculos humanos e naturais, já tão fortes e estreitos, delinea-se, à luz da fé, um novo *modelo de unidade* do gênero humano, no qual deve inspirar-se em última instância a solidariedade. Este supremo *modelo de unidade*, reflexo da vida íntima de Deus, uno em três Pessoas, é o que nós cristãos designamos com a palavra “comunhão”»(40).¹

Este modelo de comunhão trinitária não é abstrato ou distante, mas deseja ser realizado na terra entre os homens. Escreve Chiara

¹ http://www.vatican.va/edocs/POR0070/___P6.HTM

Lubich: «É a vida da Santíssima Trindade que devemos procurar imitar, amando-nos reciprocamente, com amor derramado pelo Espírito nos nossos corações, como o Pai e o Filho se amam [...]. Desde o início do Movimento (dos Focolares) nos fulguraram as palavras de Jesus na oração pela unidade: “Como Tu, Padre, estás em mim e eu em ti, também eles sejam em nós uma coisa só” (Jo 17, 2-21). E compreendemos que devíamos nos amar até consumarmo-nos em um e reencontrar no uno a distinção. Como Deus que, sendo Amor, é Uno e Trino» (“Lectio” por ocasião da entrega do doutorado em *honoris causa* em teologia pela Universidade de Trnava [Eslováquia], 23.06.2003, Castel Gandolfo [Roma], editora Nové Mesto, Bratislava, p. 36).

Para chegar a este alto grau de convivência humana é necessário dar uma atenção especial aos nossos relacionamentos, desenvolver as nossas capacidades relacionais, compreender profundamente a essência dos relacionamentos humanos para poder atuá-los na vida quotidiana e inseri-los nos nossos projetos sociais.

Vamos analisar e indagar sobre esta realidade tão central para a nossa existência.

Uma cultura da relação é urgente, pois é uma verdadeira revolução capaz de enfrentar os desafios do nosso tempo. Ou seja, se sente a necessidade de se ter uma formação para o conhecimento e a aplicação desses *valores* e criar com eles relacionamentos significativos.

Posso até parecer anacrônica, mas indicaria o *amor* como um desses elementos fundamentais. Consola-me saber que não faço um discurso “religioso” ou não só religioso. Estou em boa companhia ao

indicar o amor como elemento preferencial e fundamental no relacionamento.

O grande sociólogo russo Sorokin, ao introduzir uma sua obra da maturidade, assim confessa: «Diante de tudo o que acontecer no futuro sei que aprendi três coisas que ficarão para sempre gravadas com convicção no meu coração e na minha mente. A vida, inclusive a vida mais dura, é o bem mais precioso, belo, maravilhoso e milagroso do mundo. O cumprimento do próprio dever é outra coisa estupenda, que faz a nossa vida ser feliz e esta é a minha segunda convicção. A terceira é que a crueldade, o ódio, a violência e a injustiça jamais poderão suscitar um renascimento psicológico, moral ou material. O único caminho para alcançá-lo é o nobre caminho do amor criativo e generoso, não só anunciado mas também coerentemente vivido»².

Para ele, as formas de relacionamentos humanos são três:

compulsory (compulsório);

contractual (contratual)

love relationship (de amor).

Quero chamar em causa também o sociólogo polonês Bauman, que afirma: «O amor consiste em acrescentar algo ao mundo, e todo acréscimo é o sinal vivo do próprio eu que ama; no amor, o nosso eu pouco a pouco é transplantado no mundo. O eu amante, se expande por meio da própria doação ao objeto amado. O amor consiste na sobrevivência do eu por meio da alteridade do eu»³.

² P.A. SOROKIN, *Il potere dell'amore*, Città Nuova, Roma 2005, p. 35.

³ Z. BAUMAN, *Amore liquido*, Laterza, Bari 2004, p. VI.

Para nós, cristãos, o amor é ágape, o amor que é a essência de Deus, doada a nós no Espírito Santo («porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi dado» [Rm 5, 5]). É com este amor que nós podemos e devemos nutrir os nossos relacionamentos para chegar à comunhão. Conhecemos bem esta arte de amar que Chiara, com o seu carisma, nos ensinou com as palavras e com o seu testemunho de vida, extraída da fonte da Palavra de Deus, do Evangelho de Jesus.

Vamos ver rapidamente os pontos fundamentais da arte de amar:

- *amar a todos*

O amor verdadeiro é universal, não é parcial, não exclui segundo as opiniões, categorias de qualquer tipo, sexo, etnia, cor da pele, condição social, cidadania, religião e qualquer outra diferença. Todos, mas todos mesmo, devem ser incluído no circuito do amor.

- *ser os primeiros a amar*

Tomar a iniciativa no amor significa violar barreiras, superar obstáculos, forçar os recintos, ultrapassar os muros para acender uma chama, uma luz; significa ainda, superar um certo “pudor” para se armar de coragem e ... começar com entusiasmo. Começar é uma atitude chave: quer dizer quebrar o gelo, encontrar as palavras ou uma frase espirituosa que ajuda e consente o movimento, o processo, a ação.

Numa página de *Diário* de 1971, Chiara escreveu: «“Amar a todos” e “ser os primeiros a amar”, isso injeta nas nossas almas uma tal dinâmica que não nos deixa adormecer: então – diriam os Gen: ‘pelo

dom da ciência' – assim como os astros existem enquanto se movem, nós existimos enquanto amamos. Estas duas frases são tão poderosas que seriam suficientes para dar máxima velocidade à nossa vida interior com todas as consequência que podemos imaginar”».

- Fazer-se um

Duas palavras que encerram séculos de sabedoria e que são não só úteis, mas muitas vezes determinantes na nossa vida de relacionamentos.

Fazer-se um encerra um impulso a buscar o outro – seja ele quem for – lá onde se encontra e na situação em que se encontra, sem preconceitos e sem pretensões da nossa parte. E, como consequência, assumir as alegrias e os pesos do outro e assumi-los, seguindo o ensinamento de Paulo: «alegrar-se com quem se alegra, chorar com quem chora, tenham os mesmos sentimentos uns para com os outros» (cf *Rm 12, 14-15*).

- Amar o inimigo

Aqui não se trata de sabedoria antiga. Trata-se de uma novidade, daquela novidade trazida por Jesus.

A mensagem evangélica, que nos é proposta, nos convida a superar e anular a categoria do inimigo, assim como o Pai celeste manda o seu sol e faz chover sobre bons e sobre os maus. «Amai os vossos inimigos, fazei o bem a quem vos faz o mal» (*Lc 6, 27*). Palavras simples e claras que decretam uma mudança radical de mentalidade e de avaliação, e sobretudo contêm uma indicação precisa para inaugurar

um tipo de convivência humana que, para a solução dos contrastes, exclui dos conflitos e das simples contraposições, o uso da força, a vingança e a falsidade, o instrumento da guerra, o abuso do poder, a exploração e a opressão.

Amar o inimigo, hoje, no nosso tempo é um convite insistente para um desarmamento global e total, para desarmar, em primeiro lugar, os corações, a inteligência e refere-se também às armas. Não com a intenção de cair e apoiar a anarquia, o caos, a desordem, mas para inventar, com uma criatividade alimentada pelo amor, os instrumentos, as formas e os modos mais adequados e coerentes com a dignidade dos indivíduos, das comunidades e dos povos; para atuar uma justiça – hoje muito fugitiva – que não se inspira na lei do talião, mas oferece espaços e métodos para o perdão, a misericórdia, a possibilidade real de reabilitar-se.

O inimigo não é só o terrorista, o violento, o opressor, mas é simplesmente todo aquele que me faz sofrer ou não me ajuda. É aquele que não me cumprimenta, que espalha mentiras sobre mim, que me impede de subir na carreira.

Acho um dever fazer penetrar esta mensagem e este ensinamento no cerne da vida cotidiana, nas nossas ocupações profissionais, nas nossa participação ativa da vida social e política, nas nossas famílias, comunidades sociais e cidadãos, nas nossas nações e na nossa comunidade global.

O amor-ágape vai se colorindo, ou melhor, vai assumindo em seu seio e na sua manifestação externa todas as *virtudes civis*, todos os

valores, que caracterizam uma sociedade realmente *humana* com dimensões culturais e espirituais.

Podemos ver um *crescimento* no amor, crescimento quantitativo, mas também qualitativo. O primeiro tende a se tornar um *habitus*, ou seja, uma atitude cada vez mais constante, estável, forte e menos precária, variável, rara.

O crescimento qualitativo do amor-ágape se refere a uma série de conteúdos ligados ao valor, que pouco a pouco somos capazes de adotar de modo durável.

Vamos tentar enumerar alguns.

Um grau mínimo, indispensável, dos relacionamentos sociais vividos no amor, é a *tolerância*. Tolerância significa que, no relacionamento, o outro pode ser o que é, pode exprimir o que é, e eu posso me manter numa atitude de quase indiferença. Já é algo positivo, mas é insuficiente. A tolerância pode impedir o contraste aberto, a discussão dura ou até mesmo o conflito, mas não é capaz de criar relacionamentos construtivos.

Outro valor importante é o *respeito*. Significa algo mais que a tolerância. O respeito reconhece o valor e a identidade do outro como alguém que me fala e me comunica algo de si. Não é possível uma convivência social verdadeira sem o respeito pela dignidade alheia.

Richard Sennett, sociólogo americano, recentemente publicou um ensaio significativamente intitulado: "Respeito – a dignidade humana num mundo desigual". Ele, comentando o sistema do *bem-*

estar no seu país, afirma que ele não tutela as pessoas na sua dignidade, porque, ao oferecer os serviços sociais, não o faz com o devido respeito.

Outra atitude cada vez mais necessária nos nossos relacionamentos é o *dom*. Numa sociedade como a atual, caracterizada profundamente pela cultura do ter, onde o dinheiro é capaz de transformar em mercadoria as mais variadas dimensões da vida, o dom emerge como elemento de libertação e de liberdade. Está em andamento uma verdadeira redescoberta da dádiva. Só duas citações: «A dádiva contém uma inerradicável peculiaridade social e de relação; nela estão presentes expressões e consequências concretas, independentemente das orientações internas ou interiores – por exemplo, fazer caridade, ser filantrópicos ou ‘interessados’ – de quem a pratica»⁴.

O grande sociólogo Simmel afirma que se estabelece uma interação entre doar e aceitar a dádiva: «a cada gesto de doação, para além do seu valor intrínseco, exprime um valor espiritual e por isso não podemos desfazer ou anular com outra dádiva exteriormente equivalente, o vínculo interior que se criou com a aceitação da dádiva. A aceitação da dádiva não é só um enriquecimento passivo, mas é também uma concessão do doador. Tal como na dádiva, também no aceitá-la se evidencia uma predileção, que supera muito o valor intrínseco no objeto»⁵.

⁴ G. GASPARINI, *Elementi per una sociologia del dono*, in AA. VV., *Il dono – tra etica e scienze sociali*, Ed Lavoro, Roma 1999, pp. 17-18.

⁵ G. SIMMEL, *La religione*, Bulzoni, Roma 1994, p. 73.

Podemos dizer que o ser humano é um doador, capaz de doar-se e de doar. Esta capacidade é ínsita na sua natureza.

Para quem crê, é fruto do seu ser “imagem e semelhança de Deus” (cf. *Gn 1, 26*), o primeiro doador generoso. Para quem não crê, é fruto da sua natureza relacional, capaz de abrir-se ao outro na dádiva.

Para ambos, a dádiva e a doação de si são uma categoria existencial que deve ser inserida em todos os níveis da vida de relação, privadas e públicas, para construir uma sociedade sadia e civil.

Mas é preciso prestar atenção. A verdadeira dádiva e a dádiva verdadeira tem características próprias: é gratuita («Gratuitamente receberam, gratuitamente doem» (*Mt 10, 8*), altruísta (e não egoísta), desinteressada (e não utilitarista), alegre («Cada um dê segundo o que decidiu no seu coração, não com tristeza e por força, porque Deus ama a quem dá com alegria» (*2 Cor 9, 7*), abundante, generosa (e não calculada), simples e sincera («que dá, o faça com simplicidade...» (*Rm12,8*)).

Também Chiara sempre nos impeliu a viver a cultura da partilha.

Dois trechos breves:

«Devemos dar sempre: um sorriso, um ato de compreensão, um perdão, um momento de atenção. Devemos dar a nossa inteligência, a nossa vontade, a nossa disponibilidade. Dar o nosso tempo, os nossos talentos, as nossas ideias (...). Dar as nossas experiências, as capacidades, os nossos bens (...) para que nada se acumule e tudo

circule. Dar: seja esta uma palavra que não nos dê tréguas» (C.Lubich, *Santos juntos*, 23.04.82).

«Tal como a planta criada por Deus absorve do terreno somente a água necessária, também nos esforcemo-nos por possuir apenas aquilo que precisamos. E melhor que de vez em quando nos falte qualquer coisa. É melhor ser um bocadinho mais pobres do que um bocadinho mais ricos» (C.Lubich, *Em caminho com o Ressuscitado*, 04.04.85).

Também a *solidariedade* é um ponto de coesão na vida relacional. Solidariedade significa atenção ao *outro* que passa necessidades e com quem nos identificamos, partilhando preocupações, pesares, sofrimentos, angústias, necessidades espirituais e materiais. A solidariedade envolve as forças vivas da sociedade que, organizadas, por exemplo, no “voluntariado ativo”, procuram resolver as mais variadas necessidades em que qualquer pessoa se encontre. A solidariedade não é só questão de se empenhar em fazer algo; é virtude que nasce da convicção de que o outro não só deve ser ajudado, mas deve voltar para o âmbito da sua participação ativa; é virtude que nasce do coração, um coração que é capaz de sentir e de se comover diante do sofrimento do irmão e que se torna determinação firme e perseverante de se empenhar para o bem de todos e de cada um, pois cada um se sente e, realmente é, responsável de todos.

Tolerância, respeito, dom, solidariedade. São algumas das expressões do amor ágape. Cada um de nós pode acrescentar outras, já experimentadas em sua vida.

Este programa por um “homem novo” é exigente, certamente, mas é portador de alegria, de satisfação, de serenidade interior, de paz profunda, de realização humana.

A pergunta que pode surgir é esta: somos capazes de tanto? Somos capazes de enfrentar o preço, os inevitáveis sofrimentos que esse comportamento comporta? Vale a pena? Existe esperança para o nosso horizonte de vida?

Bento XVI dedicou uma sua carta encíclica à esperança, a *Spe Salvi*. Com vocês, gostaria de segui-lo na sua reflexão tão profunda e convincente.

«Sofrer com o outro, pelos outros; sofrer (...) por causa do amor e para se tornar uma pessoa que ama verdadeiramente: estes são elementos fundamentais de humanidade, o seu abandono destruiria o próprio homem. Entretanto levanta-se uma vez mais a questão: somos capazes disto? O outro é suficientemente importante, para que por ele eu me torne uma pessoa que sofre? Para mim, a verdade é tão importante que compensa o sofrimento? A promessa do amor é assim tão grande que justifique o dom de mim mesmo? Na história da humanidade, cabe à fé cristã precisamente o mérito de ter suscitado no homem, de maneira nova e a uma nova profundidade, a capacidade dos referidos modos de sofrer que são decisivos para a sua humanidade. A fé cristã mostrou-nos que verdade, justiça, amor não são simplesmente ideais, mas realidades de imensa densidade. Com efeito, mostrou-nos que Deus – a Verdade e o Amor em pessoa – quis sofrer por nós e conosco.» (SS 39).

Que tipo de antropologia serve para uma economia de comunhão? Para uma economia à altura dos tempos? Que antropologia, para o desafio global?

No curso da sua evolução, do seu crescimento, o ser humano foi chamado a enfrentar novas realidades, a se encaminhar por veredas inéditas, a olhar para horizontes desconhecidos e por vezes cheios de presságios tenebrosos. E conseguiu sempre colocar-se em jogo e renovar-se para ser ainda protagonista, segundo o projeto pleno do amor de Deus, como seu representante na terra.

A sua consciência de ser *homo sapiens*, pouco a pouco o fez assumir novas características – *homo faber*, *homo oeconomicus*, *homo politicus*, *homo comunitarius*, *homo psychologicus*, *homo ludens*, etc., segundo as transformações da vida pessoal e social. Nessas caracterizações uma ou outra realidade vem em destaque.

O processo de globalização no nosso mundo, a interdependência crescente, a busca de soluções unitárias para os problemas da economia, das ciências, da participação política, da questão ambiental, etc., parecem exigir um tipo de ser humano diferente, menos setorial e... eu diria, global, uma espécie de *homem-mundo*, segundo uma apropriada expressão de Chiara Lubich.

Acho que essa época espera o aparecimento decisivo de um novo tipo de homem e de mulher, capaz de abraçar todas as dimensões da vida: material e espiritual, econômica, política, social e civil, relacional e de comunhão. É o momento adequado para que habite no nosso

planeta o *homo agapicus*: o homem que sabe amar, que ama e encontra no amor a semente, a luz, a força, a verdade de tudo e de cada coisa; que será capaz de compor em comunhão toda a operatividade e todas as diferenças.

9:45 Panel 1: empresários e empresas

A importância de *trabalhar na e para a Comunhão* na Economia de Comunhão

John A. Mundell, Presidente / CEO Mundell, & Associates

25-28 maio de 2011 Economia Internacional da Assembléia da Comunhão

Hoje protagonistas de uma Nova Economia

Mariópolis Ginetta, Brasil

Introdução

O que eu quero compartilhar, hoje, são algumas perspectivas práticas sobre a Economia de Comunhão que podem ser de especial interesse para os meus colegas empresários EdC aqui na nesta reunião. Se alguém perguntar a cada um de nós: "Como é que uma empresa da EdC funciona?" Provavelmente obteria uma resposta ligeiramente diferente de cada proprietário. Este foi um dos dilemas que enfrentamos quando começou a escrever as novas Diretrizes Gerais para a Operação de uma

Empresa de Economia de Comunhão que vamos discutir nos próximos dias várias de nossas grupos de trabalho à tarde. O que é "aquilo" que nos faz tão singular ou tão diferente de um negócio típico? Talvez esta pergunta nos leva a uma mais importante, uma questão mais fundamental que eu me pergunto, no final de cada semana, como um "exame de consciência" pessoal: "O nosso negócio é realmente uma empresa de Economia de Comunhão?"

A resposta poderia parecer à primeira vista óbvio. Alguns de nós donos de empresas podem responder: "Bem, sim, eu estou aqui neste congresso, e eu estou na lista de empresas da EdC, e eu mesmo dividi alguns dos meus lucros com aqueles em necessidade. "Entretanto, a resposta real requer-nos a considerar algo que Chiara Lubich nos lembrou de tempos em tempos (eu parafraseando aqui): Nós somos realmente parte do Movimento dos Focolares só quando amamos, com um amor que não tem limites. Ou, dito de forma negativa para enfatizá-la (com minhas palavras, e não de Chiara): ... e nós não somos parte dela, quando não amamos com um amor que sem limites. Assim, talvez possamos dizer também para o nosso encontro aqui: Nós somos realmente parte da Economia de Comunhão somente quando nós trabalhamos "em comunhão" e "para comunhão" e nós não somos parte, quando não trabalhamos assim.

Trabalhando na e para a Comunhão

Então, o que significa trabalhar "em comunhão" e "para comunhão"? Parece com o que? "Em comunhão" denota tanto "ação" como

"atitude": o 'caminho' pelo qual trabalhamos, quando trabalhamos assim. "Para a comunhão" denota um "propósito" atrás de cada ação: o porquê do nosso trabalho, a intenção por trás de nossas atividades. E assim, dois bons negócios ('na' e 'para' comunhão) poderiam parecer que executassem exatamente a mesma 'ação externa', produzindo o mesmo produto tangível (Por exemplo, tênis, cookies, perfumes, produtos de cabelo). A primeira empresa pode fazer um bom trabalho e oferecer um bom produto - o seu trabalho está feito! Mas a empresa EdC deve manter uma atmosfera de comunhão, como ela funciona, e produzir comunhão como resultado. Se ele produziu um tênis bom, mas não produz a comunhão, é um gongo barulhento ou címbalo que retine, e isso não é uma empresa de EdC! (Nota: é de longe melhor produzir comunhão e um pouco menos tênis!).

Este é um ponto importante, porque uma das características distintivas do

nosso estilo de vida empresarial EdC é o fato de que por trás de cada momento de cada dia útil, um EdC empresário tenta viver com uma consciência permanente em relação à outra pessoa, a fim de criar e manter um ambiente de trabalho e de negócios de comunhão.

Há muitos, muitos empresários no mundo, e muitas empresas socialmente responsáveis que fazem 'Boas obras' com 'bom coração'. Mas só isso, para nós, não é suficiente. Queremos uma nova dimensão, um produto intangível mas real: a comunhão.

Cada um de nós - empresários, trabalhadores, conselheiros e interessados acadêmicos - devem examinar essa idéia de trabalhar “na” e “para” a comunhão, e gostaria de pedir a você que olhasse para esse tema comigo em três níveis:

- No plano dos negócios - ou seja, dentro da empresa, entre os funcionários e aqueles que apóiam as operações comerciais, entre a empresa e seus clientes, entre a empresa e seus concorrentes, e entre a empresa e a transportadora de correspondências diária;
- No nível da comunidade local - dentro da área geográfica local onde o empresa opera, incluindo a comunidade local dos Focolares; e
- Em nível global - no seio da comunidade mundial, incluindo a comunidade global dos Focolares.

Eu gostaria de dizer algumas coisas sobre cada um desses níveis.

Comunhão dentro da Empresa

O primeiro destes níveis de trabalho em comunhão - dentro da empresa - é o que nos atinge, "na cara", nós, proprietários da empresa. São os acontecimentos cotidianos, a luta do dia-a-dia da empresa, a gestão das relações entre todos dentro da empresa, e com todos os que trabalham diretamente com a empresa. São as demandas diárias e eventos inesperados que devem ser trabalhados para fazer o negócio produtivo e funcionar como deveria. De certa forma, este é o mais significativo

"nível de comunhão" para um negócio, porque ele é o verdadeiro "campo de testes" para viver a vida da EdC. Devemos dar atenção ao trabalho 'na' e 'para' a comunhão dentro da empresa, de modo que a empresa pode desenvolver a capacidade de ir "para além de si", para crescer e alcançar a longo prazo a sustentabilidade econômica. Uma empresa que não pode sustentar-se e os seus trabalhadores não podem contribuir para a missão da EdC em curso.

Dentro da empresa, o ponto de partida de todos os nossos esforços devem ser para melhorar continuamente, a converter-nos a este modo novo de operar um negócio. E, como Chiara, muitas vezes nos lembrou: antes de tudo, temos de "ser e viver" antes de falar. Nossa escolha, para viver um estilo de vida de negócios da comunhão, significa: ser o primeiro a lançar-se e demonstrar cuidado ou preocupação com o outro, tratando a todos com o mesmo cuidado e respeito não importa o cargo que ocupam ou como eles atuam na empresa, demonstrando nossa preocupação e cuidado para os outros com ações concretas, e partilhando os outros desafios e sucessos como se fossem nossos próprios. Esta "Arte da Gestão Empresarial", você pode reconhecer como vindo da "Arte de Amar", que Chiara nos deu e o Movimento dos Focolares promove, mas, agora, nós aplicamos em nossas operações de negócios do dia-a-dia, sendo um proprietário ou um funcionário de uma empresa.

Como se expressa essa 'arte' em nossas empresas? Pode assumir a forma de ajudar um colega completar uma tarefa inesperada com um prazo, de proporcionar um confortável ambiente de trabalho para nossos colaboradores, de tratar todos de forma justa, de permitir periódicos intervalos no horário de trabalho para reduzir o stress, ou de controlar a quantidade de horas extras se alguém é convidado a fazer. Isso pode significar incentivo claro e consistente nas comunicações entre todos, para promover o diálogo aberto e honesto. Isso também pode significar planejamento e encontrar tempo para as atividades de escritório "não-produtivas" que promovam trabalho em equipe e construam relacionamentos - desde festas de aniversário, piqueniques, eventos de entretenimento depois do trabalho.

Então, o que este estilo de vida de comunhão nos obriga a fazer?

- Consultar os outros na tomada de decisões.
- Ouvir. Ouvir realmente.
- Considerar as idéias dos outros como eu considero a minha própria.
- Compartilhar, diariamente, momento a momento, com aqueles que são colocados ao nosso lado.
- Compartilhar as responsabilidades do trabalho com cada um segundo as suas capacidades.
- Ir além de nosso próprio ego e estar disposto a dar a vida aos outros.

Trabalhar em comunhão nos lembra que o melhor trabalho vem de "grupo" e não do "indivíduo", e somente quando estamos dispostos a "perder" as nossas idéias, seremos capazes de encontrar "a idéia" que é

a melhor para todos e para a empresa. E assim, o nosso maior desafio de trabalhar em comunhão dentro da empresa – somos nós mesmos.

Estas são todas as coisas que se concentram a sustentar uma atmosfera saudável e interna de um escritório. O início de uma pequena empresa, com apenas algumas pessoas, os esforços individuais do empresário para viver os valores da EdC são facilmente vistos por todos e isso é um impacto direto sobre todas as operações. Flexibilidade na gestão de circunstâncias específicas dos funcionários exercida pelo empresário e a vontade de considerar caso-a-caso, são situações que contribuem à criação de um clima de comunhão, como em uma família. No entanto, como uma empresa cresce, suas operações tornam-se mais complexas e o proprietário tem menos flexibilidade para responder às diferentes circunstâncias. O proprietário não é mais capaz de acompanhar cada detalhe, ele/ela deve delegar autoridade e tomadas de decisão a outros. Em seguida, o proprietário deve seguir de perto essas delegações para que, através deles, os objetivos intangíveis da EdC permanecem intactos e os valores da EdC permanecem, em primeira linha, em todas as decisões.

Nesta etapa das empresas da EdC, isso provavelmente exige o desenvolvimento de formação de programas que ensinam os princípios da EdC e integre os seus valores em todos os aspectos do negócio: administrativo, produção, contabilidade e finanças, vendas e marketing, e procedimentos de recursos humanos. Desta forma, a atmosfera EdC permeia a empresa em todos os níveis. Nosso ideal é uma empresa da

EdC, onde toda a gente sabe e entende os seus valores e escolhe livremente vivê-los. Efetivamente, alcançar essa meta é um dos nossos maiores desafios que se perspectivam para o futuro. No entanto, devemos enfrentar esse desafio de garantir a sustentabilidade da cultura EdC como uma empresa cresce, como a sua gestão se expande, e até mesmo como o fundador se aposenta e é substituído por outros.

A comunhão com a Comunidade Local

Um segundo nível "trabalho em comunhão" - no local geográfico da comunidade - desenvolve-se gradualmente ao longo do tempo. À medida que esse trabalho em comunhão se desenvolve, afeta a maneira como o negócio é visto por todos que entram em contato com ele. Qualquer empresa, querendo ou não, influencia - para o bem ou não - pessoas e empresas fora das suas operações regulares. A idéia de espalhar a "cultura do dar" através do exemplo da empresa, o negócio começa a partir deste nível. Quando os funcionários da empresa da EdC entendem que a empresa não está interessada apenas em si mesma, eles começam a ver a sua missão mais ampla, como parte de uma comunidade. Por exemplo, quando nós compramos suprimentos para a empresa de negócios próximos e comemos em restaurantes locais, mesmo quando poderia ser mais barato em outro lugar, eles entendem que valorizamos os 'relacionamentos' mais do que 'os custos monetários'. Quando nós damos-lhes tempo para ajudar nos projetos sociais locais em nossos bairros, eles vêem que a empresa não existe só

para o lucro e, assim, eles experimentam um mundo novo, onde todo mundo dá e recebe. Tornando-se parte da comunidade, mudam-se atitudes dentro da empresa, retornando à comunidade, evangelizam-se todos dentro da empresa. Estas mudanças são pessoais e em toda a empresa, e quando eles se tornam visíveis para a comunidade, é porque elas são reais e mútuas, eles podem mostrar a outros empresários e membros da comunidade uma nova forma que direciona a uma comunidade mais autêntica e muito unida. A cultura do dar começa a disseminar para além do negócio, e se manifesta de formas pequenas e não tão pequenas.

Essas relações "locais" também devem se estender em formas concretas de EdC a outras empresas nos nossos países, e para os outros que conhecemos no Movimento dos Focolares. Isso pode significar a compra de produtos e serviços de outras empresas da EdC ou pessoas dos Focolares quando possível, que começa uma seqüência benéfica de situações que ajuda a ambas as extremidades da transação. Certamente, um compromisso com os relacionamentos, como permanecer em contato com outros donos de empresas da EdC por e-mails, almoços, chamadas Skype, ou reuniões. Eu não sei como explicar como é importante a convivência, regular, profunda de nossa "alma" com outros empresários da EdC! Esta é uma das nossas "armas secretas" da sanidade! Nós podemos ajudar um ao outro para enfrentar sucessos e fracassos, renúncias e demissões, desastres financeiros e clientes difíceis. Em nosso próximo da EdC, encontramos alguém que escolhe "amar a sua empresa como se fosse sua própria. Este relacionamento

"especial" nos dá força e coragem para perseverar nos momentos difíceis, e para perseverar nos negócios e na comunhão. No mundo existem muitos consultores financeiros e de negócios (e nós precisamos deles). Mas o empresário da EdC é uma raça rara que pode oferecer aconselhamento e apoio em viver o nosso ideal que é produzir o nosso produto intangível: a comunhão.

A sabedoria prática de Chiara na convocação para o desenvolvimento dos parques empresariais ao lado de nossas cidades pequenas dos Focolares é imensa, pois a comunhão vivida entre as empresas não é um conceito idílico, nebuloso, mas verdadeiro, vivido e concreto, uma realidade essencial que cresce à medida que nos envolvemos mais e mais com os outros nos acontecimentos diários de nossas empresas. A proximidade com outras empresas da EdC também leva a algumas divisões de recursos muito práticos: de impressoras e computadores, salas de conferências, acesso à internet e material de escritório de emergência.

Finalmente, deve-se dizer que também precisamos prestar atenção especial a nossa primeira "Comunidade imediata" - a nossa própria família. Ser um empreendedor e manter um equilíbrio saudável "trabalho-vida" é uma tarefa difícil e desafiadora. Às vezes, ele exige muito trabalho duro, muita criatividade, longas horas, e supremo sacrifícios pessoais para esculpir o tempo necessário para cumprir as nossas responsabilidades de negócio e manter um forte relacionamento com o nosso cônjuge, filhos, familiares e amigos. Muitas vezes, decisões

difíceis criam altos níveis de estresse, deixando-nos sentir sós e isolados e forçando-nos a considerar: 'O que significa tudo isso?' "O estilo de vida EdC nos impele a avaliar, continuamente, as escolhas grandes e pequenas, que temos que fazer, a procurar o equilíbrio entre 'Família' e 'negócio', e tentar determinar o que é certo para cada circunstância. O estilo de vida da EdC nos ajuda a olhar para tudo e todos através do "filtro" de comunhão. Quando analisamos em conjunto, melhor que isoladamente, nós encontramos soluções e este processo nos ajuda a aceitar as circunstâncias difíceis e ver que não estamos sozinhos. Dificuldades e sofrimentos pessoais podem então ser transformados em vias de crescimento pessoal e grande significado para nossas vidas.

Comunhão com a Comunidade Global

Finalmente, no terceiro nível de trabalhar em comunhão - com a comunidade global- conseguimos compreender que as nossas operações de negócios diárias locais vão muito além daqueles de uma empresa típica. Cada um de nós é também uma parte de uma rede global que visa a partilha de necessidades e recursos para ajudar todos nós a auto-suficiência. Estamos juntos nessa. Cada um de nós tem uma parte para contribuir. E isso repercute dentro de cada pessoa, para responder um dos maiores desejos da humanidade: ser uma família. O nosso pequeno papel, às vezes, pode parecer inconseqüente. Afinal, como pode uma empresa realmente mudar alguma coisa?

Mas então, se nos permitirmos a atender a chamada dentro dos nossos corações para se tornar uma parte desta rede maravilhosa de comunhão em todo o planeta - através da partilha de nossos lucros e necessidades, conhecendo outras empresas no empresas a empresas web site, ou através da oferta de estágios-trabalho da EdC aos jovens de outros países, vai abrir de modo cada vez mais amplo os caminhos para a comunhão entre os nossos funcionários e nós mesmos. E, vamos experimentar algo estupendo - fraternidade universal concretamente. E essa experiência, resultante da comunhão e da "unidade" que temos alcançados, difundirá a cultura do dar de maneiras que não podemos imaginar, e muito além o que os nossos poucos esforços humanos indicam. Esta "unidade", Chiara nos lembra: "Que todos sejam um ... para que o mundo creia", é, na verdade, nossa maior forma de evangelizar o mundo.

Conclusão

Sendo uma empresa da Economia de Comunhão significa colocar a prioridade mais alta em um estilo de vida de negócio, trabalhando na e para a comunhão a vários níveis – na empresa, com a comunidade geográfica local e com a comunidade global. Este estilo de vida é fundamental "o segredo-chave" que oferecemos a outros empresários pela experiência de alegria, felicidade, satisfação e um senso de propósito na vida – não por possuir e administrar uma empresa, mas por

causa da empresa! Também reforça a crença firme no sonho de Chiara: reviver a experiência da comunidade primitiva de Jerusalém. "Eram um só coração e mente... e ninguém era em necessidade entre eles" (Atos 4:32-34). Este sonho ainda está dentro do nosso alcance. Nós só precisamos fazer a nossa parte.

Os desafios empresariais da EdC

John Gallagher, Professor de Administração, Universidade Maryville, Maryville, TN – Estados Unidos

Gostaria de começar o meu tema sobre o futuro e a visão da Economia de Comunhão focalizando a atenção principalmente na figura do empresário.

De certa forma, os desafios que o empresário tem de enfrentar são os mesmos encontrados na EdC. O empresário desempenha uma função social única. Thomas Masters e Amy Uelmen, no novo e excelente livro, falam sobre a vida da Espiritualidade nos Estados Unidos. A um certo ponto do livro, eles sugerem que "os membros do Focolare vivam lado a lado com familiares, amigos e vizinhos nas comunidades urbanas, imersos nos desafios da vida cotidiana...".

Além de amigos e vizinhos, o empresário da EdC vive lado a lado também dos seus funcionários, dos clientes, fornecedores, consultores e de muitos outros, todos eles mergulhados também nos desafios da

vida cotidiana. O empresário assume sobre si, deliberadamente, uma carga de responsabilidade que quem não é empresário não tem.

A este ponto, peço-lhes que notem que não se trata de uma avaliação qualitativa, mas simplesmente de uma constatação empírica. Esta observação certamente não tem por objetivo evidenciar qual é, de certo modo, o papel do empresário, nem de privilegiar as responsabilidades empresariais em relação a outros tipos de responsabilidade.

Trata-se simplesmente de constatar que o empresário, no próprio ato de dar início a uma empresa e sustentar um comércio, assume também a responsabilidade muito concreta de todo um conjunto de relações muito particulares, que são geridas pelas negociações.

Além do mais, o empresário assume em primeira pessoa a responsabilidade por tudo aquilo que diz respeito ao próprio negócio. A meu ver, isto coloca o empresário num crisol de formação que difere de outras formas e escolhas de vida, ou vocações.

Como acenei, estas relações dizem respeito a dependentes, clientes, concorrentes, credores, investidores, consultores, familiares, amigos, a comunidade local, a comunidade mais ampla e o Estado. O empresário assume também a responsabilidade perante a própria empresa; as decisões, portanto, devem ser tomadas levando em consideração seja o futuro que a sustentabilidade da própria empresa.

Isso é válido para todas as iniciativas empresariais – porque nesse contexto é necessário assumir uma série de compromissos. Mas acredito que existam duas implicações importantes no caso do empresário da EdC. Primeiramente, há uma longa tradição de sabedoria

recebida e de experiências práticas sobre como ser um homem de negócios, digamos, “de sucesso”. Conhecemos bem como funcionam os mecanismos do *business*. As ações e os financiamentos, para nos entendermos, e efetivamente a nossa atuação no *business* do sistema econômico global são semelhantes entre si e difundidas no mundo inteiro. Mas existe um problema real no âmago dos nossos melhores negócios, no nosso modo de pensar e de gerir os próprios negócios: a questão da instrumentalização que, por sua vez, é uma questão sobre qual é o objetivo fundamental do *business*. Um ponto de vista dominante atualmente afirma que o objetivo do *business* é satisfazer os acionistas. Isso acarreta a instrumentalização de todos os aspectos do *business*, a começar pela maior parte das pessoas, os interesses de um grupo menor de pessoas e os próprios acionistas.

Nas negociações, tudo – especialmente os funcionários, os clientes, os fornecedores, os concorrentes – tudo se torna um meio para realizar os objetivos do acionista, que se caracteriza geralmente pela maximização do lucro.

Esta visão do acionista se contrapõe um pouco à do **stakeholder (grupos de interesse?)**, segundo a qual, ao invés, as finalidades do comércio não se restringem unicamente aos interesses dos acionistas, mas incluem também os interesses de uma vasta gama de outros componentes, bem como qualquer pessoa que tenha alguma instância dentro da empresa.

Ao menos este último ponto de vista tem a vantagem de considerar as legítimas exigências e as aspirações de todas as pessoas ligadas à própria empresa. Mas, por fim, este ponto de vista do *business*

implica de todo modo numa visão instrumental. As pessoas continuam a ser meios para alcançar outros objetivos.

A segunda implicação é que, apesar da sabedoria adquirida referente à teoria da gestão de uma empresa, não existe atualmente um grande interesse no que diz respeito à fé e à espiritualidade no local de trabalho. Esse interesse parece estar limitado a temáticas ligadas à “liberdade religiosa” no mundo do trabalho, ou seja, até que ponto uma empresa deve levar em conta as várias práticas religiosas e as tradições dos próprios funcionários, ou então esse interesse poderia estar ligado a questões relativas à imposição de “valores religiosos” específicos entre os próprios funcionários. Alguns sustentam que o lugar de trabalho deve ser rigorosamente leigo, enquanto que outros afirmam a existência de benefícios tangíveis provenientes de valores explicitamente baseados na fé, no ambiente de trabalho.

Porém, o problema dessa corrente de pensamento é que em quase todos os casos, a liberdade religiosa, os valores religiosos, a fé e a espiritualidade são vistos como um simples instrumento finalizado ao *business*.

Na maioria das vezes, emerge a questão central, isto é, se a espiritualidade está à altura de tornar o *business* mais ou menos eficaz, mais ou menos rentável.

Assim, no que diz respeito aos empresários da Economia de Comunhão, eles não só assumiram um conjunto de responsabilidades em relação a um grupo cada vez mais amplo e extenso de pessoas, mas assumiram também a responsabilidade no que concerne aos desafios que a instrumentalização comporta.

Para um empresário da EdC não são as pessoas que devem servir a empresa, mas é a empresa que deve servir as pessoas. E ao invés da espiritualidade servir ao *business*, é o *business* que tem de servir à espiritualidade.

Estes desafios constituem o crisol do empreendedorismo da EdC. Para muitos empresários da EdC, as suas práticas comerciais, as suas decisões e as próprias políticas, formam-se justamente dentro desse crisol que vai se compondo por meio da experiência, dia após dia. Acontece muito que o empresário da EdC está lutando com questões, problemas, dificuldades, situações, nas quais as respostas não estão disponíveis facilmente. A formação do empresário da EdC é, portanto, um desafio para o futuro da própria EdC, porque não é suficiente simplesmente encorajar as pessoas a se tornarem empresários. Temos de aprender a viver nesse cadinho.

Uma parte importante dessa formação consiste na busca do trabalho finalizado em desenvolver e melhorar as orientações e as práticas de gestão empresarial. Justamente estas orientações se tornarão a sabedoria da Economia de Comunhão. Mas também com relação a isso é necessário ter muita atenção. Daí deriva a tarefa de formar os empresários, porque o objetivo não é o de fornecer um conjunto de regras estatísticas que possam ser aplicadas em situações especiais, mas contribuir ao contínuo crescimento e ao desenvolvimento de um empresário. O objetivo não é o de desenvolver um conjunto de princípios ou orientações férreas que substituam as decisões tomadas a um certo momento, que nasceram por viver bem o momento presente. Não é bom substituir uma decisão tomada por

amor num dado momento presente por outra decisão, que parece melhor, só porque é ditada pelas **orientações específicas (linee guida ???)**.

O objetivo dessas orientações é o de permanecer sempre em diálogo com aqueles que são os desafios do crisol.

Na América do Norte, pelo menos, os proprietários das empresas da EdC já sabem que eles podem e devem partilhar as próprias experiências falando das situações que enfrentam no cotidiano; tudo isso com o objetivo de ver tudo junto a cada momento.

No que diz respeito à visão do futuro, existem duas implicações importantes, associadas à questão mais ampla que diz respeito à formação. A primeira dessas implicações tem a ver com a geração mais jovem, a próxima geração de empresários da EdC. E a outra tem a ver com a questão da identidade da EdC, ou seja, quais são as características que distinguem uma empresa da EdC? O que significa “pertencente a” ou “participar de”, segundo a visão da Economia de Comunhão?

Quanto à primeira das implicações, a geração mais jovem deve ser uma parte desse diálogo pelos próximos 20 anos, nos quais certamente veremos a evolução de muitas das atuais empresas da EdC. O que acontecerá com estas sociedades? Passarão para as mãos das sucessivas gerações? De que forma? Segundo eu, a questão da sustentabilidade é um exemplo claro de como desafios bem específicos pesam sobre os empresários da EdC.

No que diz respeito à segunda dessas implicações, tive oportunidade de participar a reuniões da EdC nas quais emergiu a

seguinte questão (que foi objeto de discussão): quais são as características que fazem com que uma empresa seja uma empresa da EdC.

Existem dois casos extremos. Em primeiro lugar poderíamos considerar uma empresa como empresa da EdC se o proprietário – ou seja, o empresário – possui uma vida de experiência e de formação dentro da espiritualidade da unidade – no Movimento dos Focolares – de tal forma que quando esse empresário, homem ou mulher, decide dar vida a uma empresa, aquilo que está iniciando não é outra coisa senão a extensão do seu modo de viver e de enfrentar a vida cotidiana, como sempre fez até esse momento.

Mas existem também aqueles que poderiam ver a EdC como “porta de entrada” para aqueles homens de negócios que são empresários qualificados, mas que não possuem a experiência de formação permanente na Espiritualidade da unidade, e estão curiosos, atraídos pela própria espiritualidade, ao entrarem em contato com ela. Eles conseguem gerir muito bem a própria atividade, mas poderiam se perder diante das exigências da espiritualidade. Os outros, ao invés, poderiam viver fielmente a espiritualidade, mas se enroscar quando se trata de colocar em prática as linhas que guiam e sustentam o *business*.

Conto-lhes uma experiência.

Um ano atrás, tive uma conversa com um estudante universitário que estava apresentando argumentos muito astutos para provar que até mesmo uma multinacional como a Nestlé SA poderia facilmente fazer parte da EdC. Naturalmente, a Nestlé é uma das maiores empresas, mais multifacetadas e globais do mundo. Logicamente não

se trata de uma pequena empresa. Além disso, é uma sociedade cujas práticas empresariais de vez em quando, nesses anos, levantaram questões do tipo ético e moral. Mas o argumento que esse estudante usava era que uma empresa, para ser da EdC, precisa responder a três critérios. Precisa direcionar parte dos seus lucros para ir ao encontro dos pobres, precisa utilizar uma parte dos seus lucros para difundir e desenvolver a cultura da comunhão, e precisa dedicar a última parte dos lucros no re-investimento da própria empresa, para garantir a sua sobrevivência. Assim, a Nestlé certamente re-investe na empresa. A Nestlé direciona uma quantia considerável de dinheiro em beneficência ou a favor de causas humanitárias. Se, além disso, a Nestlé desse início a um Instituto de formação para instruir os seus funcionários a respeito das virtudes do re-investimento proveitoso e da filantropia, então a Nestlé poderia tranquilamente ser uma sociedade da EdC.

Eu não estava de acordo com o estudante naquela ocasião e nem sou agora, mas esse assunto mexe numa questão importante. Certamente a EdC é uma expressão concreta da espiritualidade da unidade na vida econômica. Isto é, a EdC é uma oportunidade, para as pessoas formadas na espiritualidade dos Focolares, de viver e colocar em prática a espiritualidade em meio aos desafios da vida cotidiana.

Mas pode ser, também, uma porta para as pessoas formadas segundo a cultura dominante do *business* para entrarem na espiritualidade?

Eu creio que em linha de máxima a resposta pode ser sim, porque todos nós sabemos que Deus age em modos diversos nas nossas vidas.

Por vezes isso acontece graças às orações de intercessão em nosso favor, justamente enquanto nós estamos perseguindo ativamente os objetivos terrenos. Talvez Santa Mônica, rezando por seu filho Agostinho é um exemplo disso. Mas, outros podem experimentar uma luz divina que intervém na nossa vida, semelhante ao que ocorreu a Saulo de Tarso. De todo modo, portanto, a questão é se a EdC pode ser um “caminho de Damasco” para homens de negócios não formados na espiritualidade da unidade.

Por tudo isso, é necessário um diálogo intencional, centrado, estruturado, que ajude a prosseguir. E as novas gerações devem ser parte desse diálogo. As orientações e as melhores práticas empresariais aprovadas pela experiência tornar-se-ão, assim, a manifestação visível, o desenvolvimento contínuo, desse tipo de diálogo, mas devem ser também o “lugar”, de modo que esse diálogo aconteça e continue sempre a ir para frente.

Armando Tortelli – Vinte anos de EdC

No ano de 1991 quando Chiara lançou o projeto de Edc eu não estava presente. Ao tomar conhecimento deste extraordinário momento aqui vivido, lado a lado com o povo brasileiro, foi inevitável me reportar a algumas décadas atrás quando, nos anos 70, quando Chiara Lubich chamava os jovens do nosso movimento a VIVER PELA PRÓPRIA GENTE. Naquela época trocávamos nossos finais de semana para viver nas favelas onde nos encontrávamos com nossos irmãos mais necessitados que nos acolhiam e nos davam a oportunidade de viver por

eles. Na prática, encontrávamos neles a reciprocidade daqueles que eram pobres, simples, desamparados, mas, pessoas que possuíam um coração que batia e nos amavam, doando-nos as próprias necessidades.

Muitos foram os jovens que viveram esta esplêndida experiência de doação buscando construir um mundo mais fraterno. E quantos foram os diferentes caminhos tomados por cada um desses jovens: alguns após anos de dedicação, compreenderam que o caminho para as mudanças que buscavam era a política partidária. Outros buscaram as mudanças que ansiavam através de inserção em movimentos sociais diversos, outros talvez desacreditados ficaram pelo caminho...

Passados... 15 anos, e chegou o ano de 1991, quis a história fazer do Brasil o solo onde nasceu a EDC, resposta para todos aqueles meus (nossos) anseios já inseridos na nossa cultura, na revolução de Amor que Chiara nos ensinara quando nos fez aquele convite.

Na EDC encontrei a mesma resposta dos anos 70, mas agora de outra forma: Temos um modelo não apenas capaz de ajudar os necessitados, mas de oferecer a toda a humanidade um novo caminho onde o capital, a serviço do homem, TRANSFORMA a velha cultura em NOVOS CAMINHOS DE LUZ, resposta para mim, para tantos daqueles jovens dos anos 70 e para todos nos dias atuais.

Ao tornar-me empresário de Economia de Comunhão encontrei a realização ao meu alcance e a cada dia destes 20 anos nasce e renasce em mim esta convicção.

Foi assim quando compreendi pela primeira vez que o DAR da Edc, em todas as suas expressões, é sinônimo de realização da pessoa do empresário e a partir disso o outro não é visto como “ajudado”, mas ator e protagonista da vida do empreendedor.

Ao falar algo destes 20 anos da Edc na minha vida, corro o risco de estragar a beleza da história que a Edc construiu e me proporcionou, seja com colegas de trabalho, seja com os concorrentes, seja com milhares de pessoas com quem tive e ainda tenho contato na minha atividade. Sim, porque tenho a convicção que a Edc é muito maior que nossa própria história pessoal onde nossa participação é apenas uma: Dar nosso sim, pois, como consequência disso colhemos todos os frutos que, entre eles também está a dor. No entanto, aprendemos neste período que, as dificuldades na nossa história também fazem parte do mosaico que constrói pouco a pouco esta extraordinária história.

No meu caso e por trabalhar numa atividade de alto risco, muitas foram as provações nestes 20 anos. Corrupção, assaltos diversos, perseguição de pessoas envolvidas com tráfico e tantas outras. Lembro-me do dia que, aqui no Polo Spartaco, nossa empresa foi assaltada por mais de 30 pessoas. Após os ladrões terem levado tudo, era uma sexta feira, resolvemos então aproveitar o domingo para reunir todos os funcionários e familiares e fazer uma grande festa. Tínhamos apenas uma certeza no meu coração: a segunda feira chegaria e não poderíamos fazer outra coisa senão recomeçar. Dizíamos: NA Edc somos mais ousados que os próprios assaltantes... E assim fizemos.

Ginetta Cagliari nos ensinava que 'recomeçar' deve ser nosso segundo nome e isto fez parte da minha e nossa história de 1991 até os dias de hoje.

Passado este longo período na minha vida empresarial, mas período certamente ainda pequeno se visto como período histórico, sinto claramente que a EdC é uma grande revolução cultural, capaz de ILUMINAR o caminho de muitos, mesmo e principalmente para um exercito de pessoas que bebem desta luz, atores anônimos com os quais talvez sequer temos contato nos dias de hoje, mas são reavivados pela vida da Edc nas nossas empresas.

Muitas vezes me pergunto: Porque a Edc causa tanto impacto no mundo ao nosso redor e tantas pessoas se interessam por conhecer mais? Minha experiência me mostra que "temos sim a resposta que a humanidade procura" e mesmo que sejamos poucos e nossa experiência ainda não seja assim tão expressiva, A HUMANIDADE BEBE DESTA FONTE, logo e por isso, constato diariamente que a luz que guia a EdC vem do céu, vem de Deus e por isso transforma tantos corações.

É por isso que nossa experiência de EdC nos coloca lado a lado com grandes empresários, políticos de todos os níveis, intelectuais, pesquisadores diversos, meios de comunicação etc.

É uma nova cultura que avança. É o mundo novo que acolhe pessoas que querem construí-lo todos os dias, a fraternidade que

avança na economia dando esperança a muitos e luz para a humanidade do amanhã.

No Brasil criamos nossa Associação Nacional por uma Economia de Comunhão – denominada Anpec-EdC – que nestes anos, entre outras coisas:

- Serviu de elo com os polos empresariais captando e recebendo recursos para o avanço das novas construções;
- Recebeu e destinando recursos para empresas de EdC;
- Ajudou na promoção de eventos ligados a EdC como os Congressos nacionais e regionais;
- Fez-se presente no Fórum Social Mundial apresentando a EdC para pessoas de várias nacionalidades;
- Editou um livro que traduz um pouco da tanta vida da EdC em todo o Brasil para ser doado aos acionistas dos pólos;
- Empenhou-se em manter o diálogo com empresas associadas a fim de construir pontes de comunhão na discussão de problemas relacionados à gestão;
- *Deu um forte reforço nas traduções do site oficial e ao mesmo tempo foi ponto de referência para fazer circular as notícias seja para serem disponibilizadas no site, seja entre as comissões regionais.*

Agora estamos dando um importante passo onde estamos transformando a ANPEC em agente de fomento também financeiro

para empresas de Edc visando, em primeiro lugar viver a comunhão entre nós empresários. Tal mudança de rota visa, primeiramente, encontrar soluções a partir da comunhão na GESTÃO DAS EMPRESAS que nos parece ser o maior dos nossos problemas.

Para concretizar estas realizações estamos criando um fundo onde reuniremos recursos a serem destinados de forma responsável e com garantias de retorno para nossos associados.

Passados 20 anos sinto um forte desejo de me doar completamente a Economia de Comunhão. Foi pensando nisso que, desde 2009 estamos trabalhando fortemente a sucessão nas minhas empresas. Para tanto, contratamos uma empresa especializada no processo de GOVERNANÇA COPORATIVA QUE visa profissionalizar nossas empresas, buscando também a preparação dos filhos como sucessores, desde que este seja o desejo deles. Mesmo não sendo, compreendemos que o processo de sucessão, com regras claras em tudo aquilo que incide na vida dos acionistas (sócios e filhos) é de fundamental importância que seja concretizada. Concluimos que a família deve ser preservada e a empresa necessita de continuidade. Sabemos que na maioria dos casos nas empresas familiares ocorre o contrário: Ou a família se desagrega ou a empresa sofre fortes GOLPES QUANDO OCORRE A SUCESSÃO.

Para nós este passo está sendo concretizado com profissionalismo onde, fundadores e sucessores, constroem juntos o futuro da empresa. Não é um processo fácil ou simples, exige grandes passos e seriedade, mas hoje, ao estarmos quase que no final deste



Mariapolis Ginetta, 26 de maio de 2011

processo, podemos afirmar que estamos num bom caminho com regras claras e em especial a garantia da continuidade dos valores da EDC, discutidos, escritos e assinados por todos os membros da família no ACORDO DE SÓCIOS E REGRAS DE GESTÃO.